

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Monte Café**

código  
AV - FO9 - Sap

localização  
BR-393, trecho Sapucaia-Carmo, ou BR-116, trecho Teresópolis-Carmo

município  
**Sapucaia**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

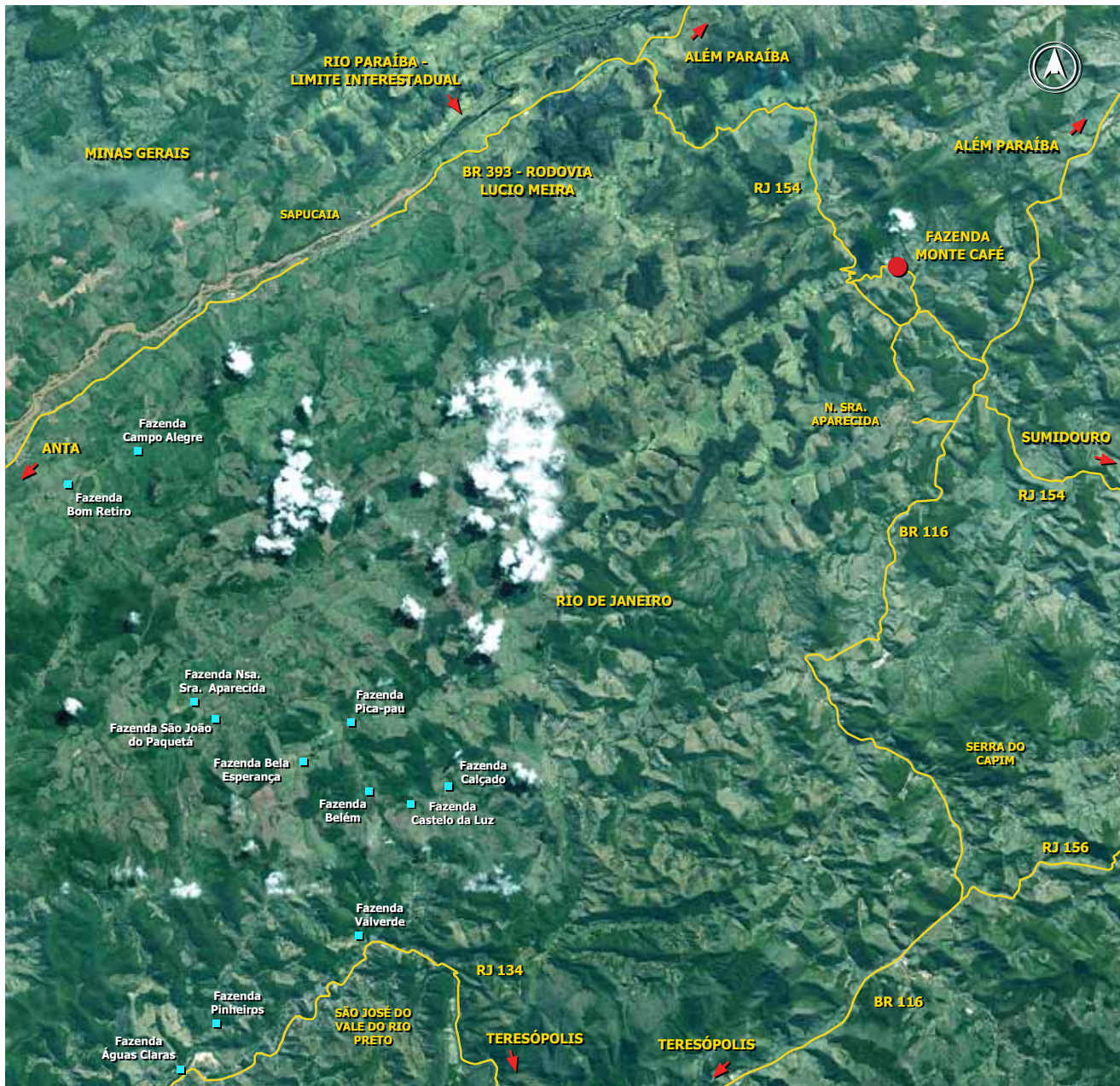
proprietário  
**particular**



Casa-sede da Fazenda Monte Café

coordenador / data **Sonia Mautone Rachid – jun 2010**  
equipe **Sonia M. Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius S. Gomes**  
histórico **Sonia Mautone Rachid**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – jul 2010**



situação

Um dos acessos à Fazenda Monte Café é feito pela rodovia BR-393, no sentido Sapucaia-Carmo, onde, na altura do km 125,5, à direita, se inicia a RJ-154. Mantendo-se nesse caminho de terra batida por 13,5km, se chega à fazenda.

Outra opção é através da BR-116, sentido Teresópolis-Carmo: em seu km 23,5, se ingressa num trecho de 1,5 km de extensão que leva ao lugarejo de Nossa Senhora Aparecida, 3º distrito de Sapucaia, a partir de onde se percorre mais 3,5 km até a sede da Monte Café.

A entrada da fazenda se localiza em um atalho na estrada de acesso e é marcada por uma porteira de madeira que exhibe, à sua esquerda, uma murada de pedra, a qual teria servido de apoio para antigo portão. Em direção à sede, se segue numa aleia de palmeiras imperiais (f01) em um caminho coberto por relva.

Através de uma passagem ladeada por dois pilares, se chega a um largo gramado com uma frondosa mangueira voltada para a lateral direita da casa-sede, que apresenta formato em “L” (f02).



01



02

Na empena onde se encontram distribuídas dez janelas em sequência, antes existiam portões para as garagens de troles e charretes.

Em meio ao largo gramado, se distribuem estreitas passarelas formando canteiros (f03) e, entre eles, uma fonte circular com repuxo (f04).

Ainda neste jardim, no encontro das duas alas da sede, um piso cimentado ligeiramente mais alto marca a área na qual se erguia a antiga capela (f07 e f08).

No lado oposto, chama atenção a magnífica estrutura de uma caixa d'água formada por blocos maciços de pedra, com altura aproximada de nove metros, cujo topo se acessa através de trilhas (f09). Na vista frontal, vãos com umbrais e vergas em pedra talhada se diferenciam em função dos formatos exibidos: no térreo, porta com verga em arco abatido; no segundo plano, porta com verga em arco pleno; e, finalizando, um óculo também em pedra, conhecido como olho de boi.



03



04



05



06



07



08



09

No topo desta estrutura, um terraço é protegido frontalmente por um gradil de ferro (f10) e, no térreo, o pequeno vão possuía um portão de fechamento ali não mais existente. Fixadas ao chão estão antigas argolas de ferro (f11) remanescentes do local, onde, contam, se castigavam os escravos.

Seguindo pelo gramado, se alcança a fachada principal, que se destaca pela sua singularidade, com um correr de sete portas de apurados ritmo e simetria (f12). Em frente a ela e delimitando o jardim, há uma mureta inacabada (f13), interrompida por um portão de duas folhas em ferro forjado (f14), o qual é fixado em dois pequenos montantes de pedra: tais estruturas apresentam entalhe datado de 1922 (f15) e as iniciais "F. P." (f16), possível referência a um antigo proprietário. Rumando para a lateral esquerda da casa (f17), a murada se fecha em torno de um pátio, localizado junto às paredes do sobrado.

À direita da entrada da fazenda, se encontra um espaço cimentado (f18), a partir de onde se tem acesso à atual cozinha (f19). Segundo relatos, o corpo da casa se estendia por esta área até a murada de pedra (f20 e f21).



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21

Local de onde se veem as saídas d'água (f22). Conta-se que o trecho hoje inexistente foi consumido por um incêndio, provocado por um de seus antigos moradores. Próximo a este local, em meio aos arbustos, ainda há uma base em pedra da antiga construção dos banheiros da fazenda.

Desse cimentado parte uma escada em alvenaria que conduz a um pátio descoberto, limitado pelo casarão (f23) e por um muro com passagem em arcos, onde pode se observar, ao fundo, um goiabal (ver f21).

Cruzando o porão (f24), se chega a outro pátio interno, limitado pelas empenas laterais da casa e por um muro de pedra com portão de ferro fundido; no centro, sob as mangueiras, é percebida uma fonte em cantaria com repuxo (f25). Contornando a casa, atravessando o goiabal ou saindo pelo portão do pátio interno, existe uma área gramada (f26) onde uma construção peculiar atrai a atenção (f27): em meio ao matagal, repousa uma estrutura de paredes em pedra, com óculos, portais e uma fonte parietal. Todos os elementos componentes dessa estrutura – os óculos, o tanque da fonte (f28), o portal entalhado (f29) e as paredes divisórias (f30) – foram executados ou esculpidos em pedra maciça.

Observam-se sobre os umbrais da fachada marcas que revelam o fechamento das portas do pavimento superior (f31). Este local era originalmente utilizado como casa para o administrador, conjugada a um hospital para os escravos.



22



23



24





25



26



27



28



29



30



31

A partir da fachada frontal da sede, é possível observar que a fazenda fica situada num vale rodeado por morros tipo meia-laranja, com cobertura rala de pastagens. No primeiro plano, uma aleia de palmeiras margeia o caminho que leva às edificações rurais (f32).

No entorno, se estendem campos com forração rasteira e ruínas de antigas construções com embasamento e escada em pedra (f33). Ao final do descampado está o Rio Monte Café, margeado em boa parte de sua extensão por arrimos de pedra (f34).

Por não haver ponte para travessia do rio, apenas duas pinguelas (f35), o acesso à fazenda é realizado única e exclusivamente pelo ponto já anteriormente descrito. À beira da estrada, jaz um marco de pedra que pertenceu ao antigo açude da fazenda (f36). Ao fundo do curral, se localiza um imenso tanque em blocos de pedra, com dimensões aproximadas de 64 m<sup>2</sup> (f37).



32



33



34



35



37



36

Junto ao rio, se situava o antigo engenho, do qual restaram apenas as bases sólidas e paredes que apoiavam a roda d'água. Já no leito do rio, são identificadas algumas lajes que recebiam os pilares da grande serraria, cuja construção se apoiava em ambas as margens do Rio Monte Café (f38).

Do outro lado do rio, ficavam localizados os vastos e antigos terreiros de café, além de algumas construções menores, como baías e casas de caseiros: ali o terreno é cortado por canaletas e socos de pedra (f39). Sobre um tanque em cantaria, se encontra um equipamento em formato de cone, composto por perfis metálicos (f40 e f41), destinado a separar o café das impurezas que vinham junto com a água de lavagem – o processo pode ser melhor entendido através de foto do processo de lavagem do café no século XIX (f42).

Em um morrote, outros tanques e suas canaletas se misturam ao matagal, local em que outrora as banquetas d'água seguiam em direção ao cone para escoar os grãos (f43 e f44). Adiante, ainda nos limites da fazenda, uma planície de grandes proporções abriga uma série de edificações antigas, se constituindo num verdadeiro sítio histórico, fornecendo uma ideia da magnitude da produção e do beneficiamento do café no local (f45).



38



39



40



41



42



43



44



45

Mais acima está o engenho de fubá (f46), que recebe as calhas do aqueduto sustentadas por altos pilares (f47). As estruturas localizadas em nível mais alto são em pedra maciça com capitel entalhado (f48), e as demais, em concreto armado, estas já frutos de reformas (f49). Ao redor dessa edificação, havia os moinhos com maquinários, pocilga e o paiol, cujos esteios de base, executados em pedra, permanecem no local (f50).



46



48



47



49



50

O casarão, sede da Fazenda Monte Café possui um piso térreo e apresenta porão construído para aproveitamento de desnível no terreno. A sede se configura, portanto, como uma construção de um pavimento sobre porão habitável (f51 e f52).

O embasamento da casa é de pedra, com estrutura em gaiola de madeira (barrotes, madres, pilares e frechais), e fechamento das paredes em pau a pique – algumas já refeitas com alvenaria –, todas caiadas de branco.

A cobertura é de telha capa e bica, com ponto alto nas coberturas do casarão (f53). O telhado da fachada frontal é mais baixo, com detalhe de um lanternim na cumeeira (f54).

A fachada principal distribui sete portas com verga em arco pleno (f55).



51



52



53



54



55

Além disso, belas bandeiras ornamentadas com caixilharia branca de vidros finamente jateados (f56), e folhas duplas almofadadas e envidraçadas (f57). Apenas dois desses vãos possuem degraus em cantaria, exatamente os que servem de acesso; as demais são portas-sacadas, cujas aberturas recebem externamente um fechamento em gradil de ferro batido (f58 e 59). As esquadrias foram pintadas externamente em azul, e internamente apresentam as cores creme e azul claro, destacados nas folhas almofadadas os frisos com um tom de azul escuro (f60).



56



57





58



59



60

A porta da direita acessa um vestíbulo com janela de veneziana que se abria para a capela. Esse mesmo vestíbulo possui uma sala lateral anexa – cujo tabuado é emoldurado, em parte, pela pedra do embasamento (f61) –, além de conduzir ao salão central. Este, um espaço de beleza ímpar, possui paredes ricamente decoradas por murais com pinturas parietais e estêncil (f62). Uma faixa junto à sanca intercala paisagens com vasos floridos (f63) e, ao centro, representação pictórica do Sagrado Coração de Jesus (f64).

A segunda porta de acesso também se abre para um vestíbulo, cujas paredes laterais são decoradas com dois medalhões pintados na técnica *trompe-l'oeil*, retratando bucólicas paisagens (f65 e f66). Assim como o primeiro, este segundo vestíbulo também possui sala lateral e portas voltadas para o salão central. Em frente (f67), uma circulação distribui para alguns quartos e banheiros (f68) no corpo da casa, compartimentação que se traduz em dez janelas voltadas para o jardim, e, no lado oposto, outras tantas que se abrem para o pátio interno, onde estão os quartos construídos sobre o porão.

Na extremidade dessa circulação está a iluminada sala de jantar, com cinco janelas de guilhotina geminadas e uma parede com pia revestida por azulejos em estilo *art nouveau* (f69). Na sequência, uma cozinha com saída para os fundos.

Partindo da cozinha, se chega à outra sala com ares de avarandado, tal a luminosidade das janelas envidraçadas e geminadas dispostas em ambos os lados (f70). Esta ala da casa-sede apresenta também sala, quarto, banheiro e um grande salão (f71), e outrora se comunicava com o porão através de uma escada localizada na varanda. No porão, que é utilizado como depósito, alguns espaços são fechados com portas de duas folhas e janelas gradeadas de madeira (f72).



61



62



63



64



65



66



67



68



69



71



70



72

Com relação aos acabamentos internos, foram mantidos os forros originais nas duas salas de estar, vestibulos, além da circulação, sala de jantar (f73) e salão da fachada principal. O forro e o rodafete destes aposentos são decorados com estuque, formando belíssimo florão no centro (f74), e, junto ao teto, arrematados com sanca decorada. No salão central, este rodafete apresenta delicadas guirlandas florais com frisos denticulados, considerado uma raridade nas fazendas do Vale do Paraíba.

Em uma reforma sofrida pela sede, todos os demais cômodos receberam forros de tábuas estreitas e envernizadas, assim como o assoalho que foi todo refeito com tábuas corridas, inclusive nos banheiros e na cozinha (ver f68).



73



74

Resguardada a estrutura, a casa vem sofrendo intervenções sucessivas, reformas estas que vêm sendo empreendidas há algum tempo. Exemplo é uma das fachadas laterais, onde as esquadrias existentes são hoje cópias das originais, algumas janelas apresentando a guilhotina já sem as folhas externas. Na outra lateral, o acréscimo de uma esquadria para o banheiro (f75) interferiu na simetria do conjunto, e no porão, o emparedamento dos arcos alterou a modenatura do casarão (f76).

Na fachada principal, infiltrações podem vir a comprometer irreversivelmente algumas paredes e suas belas esquadrias (f77), ao que se acrescenta que a exposição às intempéries do elemento construtivo em pau a pique (f78) acelera sua degradação. Algumas das portas-sacadas não mais exibem o guarda-corpo de ferro; os cunhais e a cimalha do beiral apresentam-se bastante deteriorados (f79).

Nos fundos da casa, por onde se tem acesso à cozinha, são observadas no frechal dessa empena as marcas do incêndio que sofreu a casa (ver f19).

Internamente, uma intervenção que transformou os quartos em suítes promoveu a substituição do assoalho e do forro, bem como de algumas portas internas (ver f67). Nas paredes da circulação e da sala de jantar são identificáveis os vestígios de um barrado com pintura em painéis, os quais mereceriam ser recuperados e preservados (f80).



75



76



77



78



79



80

As pinturas parietais do salão apresentam áreas com pulverulência e perda de adesão, causando destruição das mesmas (f81, f82 e f83). Fissuras e infiltrações descendentes atingem o forro decorativo em estuque da sala de jantar e do salão (f84, f85 e f86), que apresenta, ainda, umidade em estado avançado no rodapé e no assoalho.



81



83



84



85

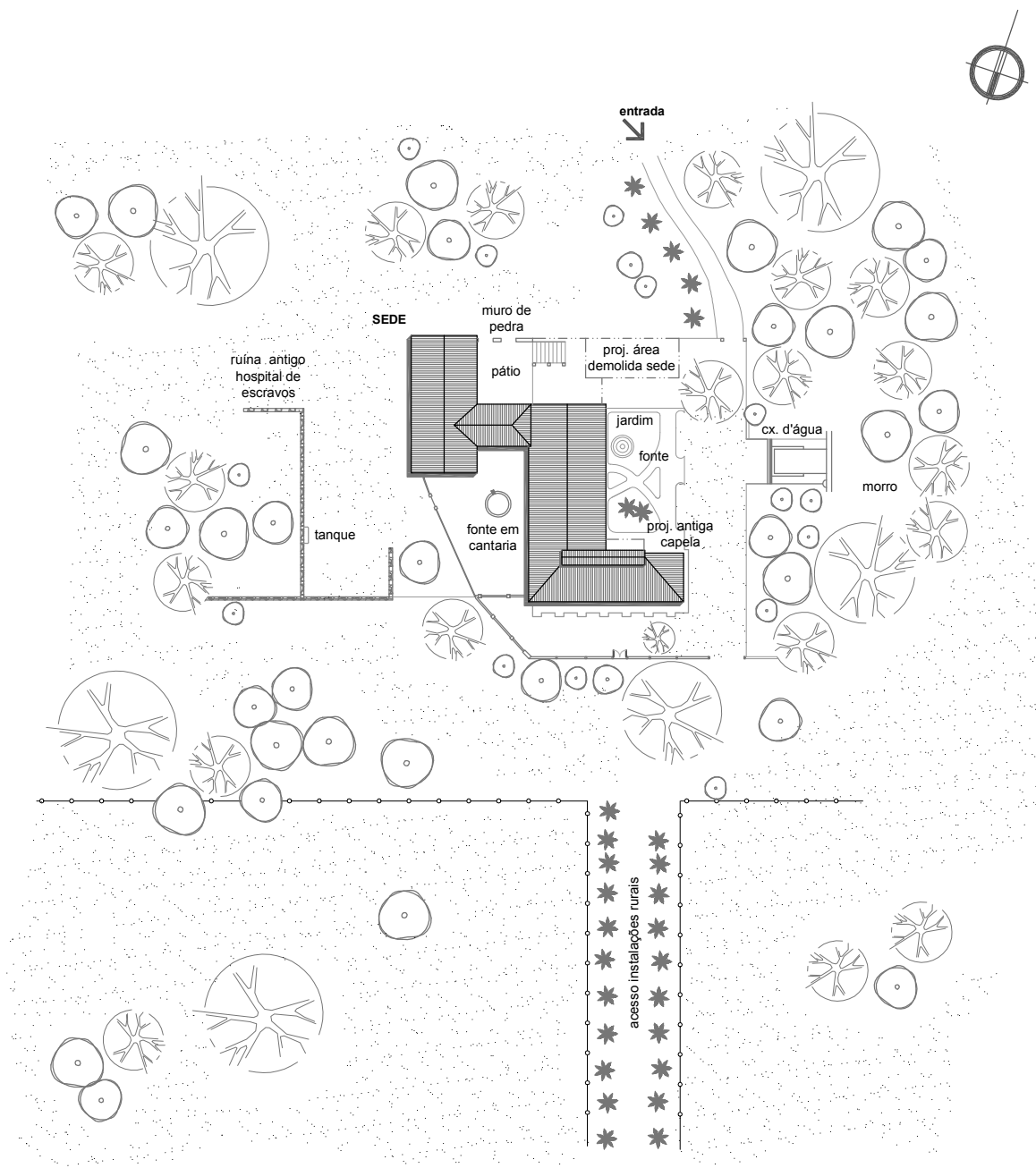


86



82

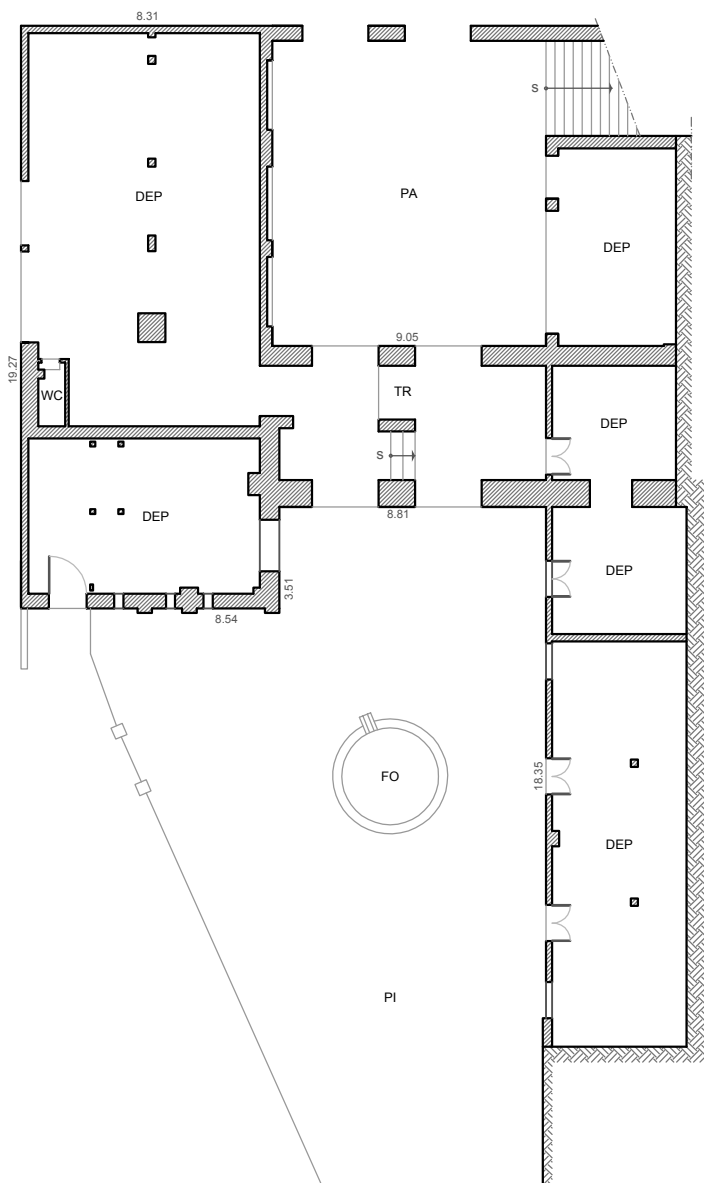
FAZENDA MONTE CAFÉ



**1** Implantação  
escala: 1/1000



**FAZENDA MONTE CAFÉ**



**1** Planta Baixa da Sede - Porão  
escala: 1/250

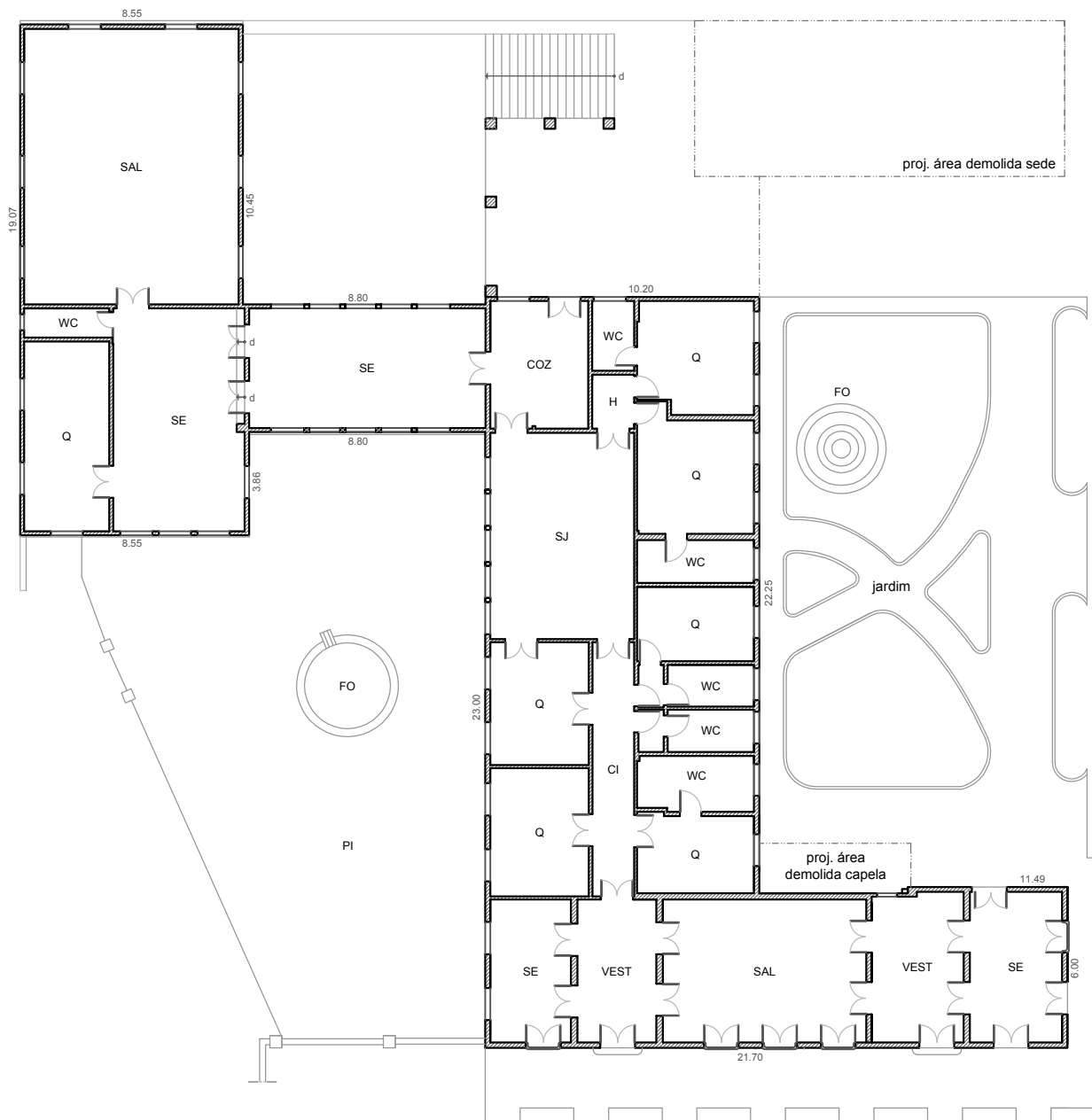


DEP - depósito      PA - pátio      TR - transição  
FO - fonte      PI - pátio interno      WC - banheiro

alvenaria existente  
 alvenaria demolida



**FAZENDA MONTE CAFÉ**



**1** Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.  
 escala: 1/250

CI - circulação	FO - fonte	PI - pátio interno	SAL - salão	VEST - vestíbulo	WC - banheiro	alvenaria existente
COZ - cozinha	H - hall	Q - quarto	SE - sala de estar	SJ - sala de jantar		alvenaria demolida

O período em que a Fazenda Monte Café foi construída é incerto, porém se crê que date do início do século XIX, tendo em vista a inscrição existente sobre um frade trabalhado em cantaria – 1811.

Acredita-se que as terras da fazenda foram concedidas em sesmaria ao casal Inácio Gabriel Monteiro de Barros e Alda Romana de Oliveira Arruda. Alda Romana, a proprietária que mais tempo esteve à frente da Fazenda Monte Café, era filha de Brás de Oliveira Arruda e foi casada com o ilustre brigadeiro Inácio Gabriel Monteiro de Barros, segundo filho de Lucas Antonio Monteiro de Barros (1867-1851), visconde de Congonhas do Campo, com Grandeza.

A título de dote pelo matrimônio, o casal Inácio e Alda recebeu o Sítio Resgate em Bananal, São Paulo, cuja propriedade deu origem à importante Fazenda do Resgate, vendida em 1833 a José de Aguiar Toledo.

Inácio Gabriel seguiu carreira militar, tendo sido ajudante de ordens do general Labatut durante a Guerra da Independência na Bahia. Segundo o historiador Eduardo Schnoor, durante a guerra, Inácio trouxe de Pernambuco uma tropa de 600 soldados e canhões para apoiar a Bahia. Inácio se reformou no posto de brigadeiro e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de março de 1850.

Em 24 de março de 1841, D. Alda Romana recebeu o ilustre botânico escocês Georg Gardner<sup>1</sup>, que fez uma interessante descrição da fazenda:

*“(...) Partindo daqui, passamos por das mais belas florestas que jamais vira na província e chegamos de tarde a um grande cafezal, chamado Monte Café, numa distância aproximada de sete léguas. Esta fazenda pertencia ao brigadeiro Inácio Gabriel, brasileiro, a quem eu levava também cartas de apresentação. Embora não encontrássemos em casa, fomos carinhosamente tratados na fazenda por sua esposa e por Mr. Hadley, principal administrador, um inglês a quem eu já havia encontrado em casa de Mr. March, quando lá me hospedei em 1837.*

*A fazenda estava ainda em início, mas era tida como das melhores do distrito; e, embora as arvores fossem novas, espera-se que produzissem naquele ano 12.000 arrobas de café, de 32 libras cada. Ao tempo de nossa visita as bagas estavam começando a colorir-se e os ramos vergavam ao seu peso. A região é formada de colinas, outrora cobertas de matas e agora transformadas em plantação. Havia na fazenda duzentos escravos, dos quais apenas setenta ocupados na lavoura; os demais se empregavam em diversos misteres, como marceneiros, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, etc. Poucos dias antes de nossa chegada haviam sido trazidos do Rio, em recente importação, cerca de vinte negrinhos, que aparentavam ter de dez a quinze anos de idade e ainda não falavam o português. Eram todos meninos ativos e sadios, que corriam de um lado para o outro, rindo e brincando, aparentemente felizes e inconscientes da própria sorte. Faço justiça, porém, aos brasileiros, dizendo deles, após cinco anos de experiência, que estão longe de ser senhores duros e que, salvo casos raros, sempre os achei atenciosos e bons com os escravos.*

*O Brigadeiro tinha construído, pouco antes, uma excelente serra d'água e estava agora construindo um grande secador artificial de café; obra esta sobre a superintendência de um alemão, que havia residido por anos em Ilha de Java.*

*Na manhã do dia 28 partimos de Monte Café, rumo do Rio Paraíba, distante dali apenas meia légua e meia (...).”*

Em 1857, D. Alda declarou suas terras ao “Registro Paroquial de Terras”, descrevendo a Fazenda Monte Café como uma propriedade composta por quatro sesmarias e meia, de meia légua em quadra (mais de mil alqueires de terras), e anexadas a esta, as fazendas de Santa Eliza, São João e Serra Morena.

Depois de viúva, D. Alda Romana se mudou para Paris, deixando a administração da fazenda entregue a seu único filho, Dr. Brás Augusto Monteiro de Barros. Antes de falecer, no final do século XIX, D. Alda Romana pôs Monte Café à venda.

Durante o século XX, a fazenda passou por diversas mãos. Em 1920, era propriedade de Francisco F. Portugal, que também possuía a Fazenda Santa Rita. Posteriormente, segundo informação verbal de José Arnil Birman e sem que se possa precisar datas, as terras e as respectivas fazendas foram divididas pela Companhia Agrícola Fluminense.

<sup>1</sup>George Gardner (1812-1849) foi médico e botânico britânico. Esteve no Brasil entre os anos de 1836 a 1841 e colecionou cerca de 80 mil plantas nos museus da Inglaterra, tendo passado dois anos no Rio de Janeiro e arredores, viajando depois para Bahia e Pernambuco. Posteriormente, começou uma viagem pelos sertões do Ceará, Piauí, Goiás e Minas Gerais, regiões, à época, pouco conhecidas pelos viajantes europeus. Quando da sua morte, em 1849, era diretor do Jardim Botânico de Neura Ellia, no Sri Lanka. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/George\\_Gardner](http://pt.wikipedia.org/wiki/George_Gardner)>, com acesso em 05.07.2010.



Fazenda Monte Café. Marc Ferrez s/d século XIX. Coleção Gilberto Ferrez. IMS.

87

Fontes:

GARDNER, Georg. **Viagem ao Interior do Brasil**. Coleção Reconquista do Brasil. São Paulo: Editora Itatiaia, 1975; v.13; p.239-240

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMMERCIO: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Ruraes Recenseados no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1922; p. 405.

REGISTRO PAROQUIAL DE TERRAS. Propriedade de Alda Romana de Oliveira Monteiro de Barros. Fazenda Monte Café. Registro feito em 23.02.1857, no Livro 45, Registro 132. Freguesia de Nossa Senhora Aparecida, município de Magé. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. **O Caminho Novo: povoadores do Bananal**. São Paulo: Governo do Estado, 1980; p.38.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas\\_Ant%C3%B4nio\\_Monteiro\\_de\\_Barros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_Ant%C3%B4nio_Monteiro_de_Barros), com acesso em 30.06.2010.